

O TEMPO TELEPORTADO: IDENTIDADE VIRTUAL, FICCIONAL E REAL

Victor Excelsius

Palavras-chave: redes sociais, religião tecnológica, narrativa, corpo

Argumento

A falência do real ou a sua substituição pelo Tempo? O que é mais importante, é o Homem ou o Tempo? O homem não se pode domesticar a Si-Mesmo enquanto usufrutuário do Tempo?

Desenvolvimento

1. O TEMPO APRISIONADO

A exatidão impede o desenvolvimento do génio. O génio tem mais que ver com um impulso de vida do que uma tensão mortal. Lembremos a cena célebre do filme A Mosca, em que o protagonista é teleportado para uma cápsula juntamente com uma mosca, que inadvertidamente entra dentro da cápsula-mãe. Ele acaba por participar das qualidades intrínsecas da mosca face à natureza e torna-se ele mesmo numa mosca gigante. Ora, quando o corpo é teleportado, também a substância sai do seu lugar e como que subverte uma ordem mais ou menos aristotélica... Mas bem, o que faz o tempo, uma das suas qualidades, é o devir, o facto de não ser algo de imutável e que participa justamente das qualidades da mudança, do *Estar-aquí*, num momento, num tempo, e o estar ali, acolá, como se diz hoje *lá está...*

A portada do Tempo é, então, a porta do Éden, da felicidade e há que fazer uma boa gestão do tempo, na casa, domesticando o Tempo, como na Medina muçulmana, como vou demonstrar a seguir. Porque também há quem não se preocupe com essas dimensões, uns vivem no interior do tempo, outro fora dele, talvez num outro tempo e como se pode avaliar o que é do Tempo e o que não o é? É o Direito que vai dizer isso, a biologia, a psiquiatria?

Tudo está patente, entre o real e o virtual, o tempo recuperado (Savater) é o tempo aprisionado, amassado, como quem faz uma bôla de pão...

Depois, a psicologia do vencedor, a psicologia da verdade; desejas ardentemente, desalmadamente, a vitória, mas quando a alcanças, preferes não erguer o troféu, porque tens pena do adversário ter perdido a teu favor, por isso eriges-te e ti mesmo enquanto filósofo, leitor dos tempos, do tempo enclausurado em favor da eterna juventude de ti mesmo e do Outro, enquanto o Deus é velho, tu permaneces jovem porque de certa maneira te sabes abstrair, sem que no entanto percas a vontade de vencer, nem que seja pela vingança doce de provares que és

melhor do que os outros, de que és o melhor na tua área, obviamente, porque nem toda a gente sabe assim tão bem conciliar teoria com prática, aliás, a maior parte dos nossos filósofos está e vive numa espécie de limbo, de zimbardo, como aliás a grande parte dos sociólogos e antropólogos, nunca tiveram uma quebra, nunca correram um risco, nunca caíram nem foram derrotados, são os maiores e tudo e à luz de todos, vão à TV, vão a todo o lado, resta saber se irão ao céu...

“Não congelarás o Tempo”, dizia um texto de Iturra que tenho algures no meu baú de preciosidades. Que quer isto dizer? Que vai vale ir, ser conduzido, pela lógica do senso-comum e não teorizar? Dizia Drummond de Andrade, “a ode cristalina é a que se faz sem poeta”...

2. O TEMPO DOMESTICADO

Assim, de uma maneira ou de outra, o homem considera o processo do tempo calcinado ao tempo caucionado, ou seja, é aprisionado, congelado e depois libertado, sob a condição da regra social, mais amplamente do contrato social, o que levanta desde já uma série de questões éticas e ontológicas, a saber a consideração do homem enquanto ser social, que tem de se adequar ao seu tempo, ou seja, o cientista social é um homem do seu tempo, um homem do meio, enquanto o filósofo vive alojado noutras instâncias e esferas do Ser (em relação íntima com o Tempo), projetado, dissimulado e arrebatado pelo Tempo e sua ação. Porque o Tempo é invisível, ou nem sequer é, apenas vemos, na aceção de Baudrillard, um tempo enquanto simulacro, pois relacionado com o objeto corpo e, na sua contemplação, com o sujeito-espírito. Paulo Valverde, nas suas aulas de Antropologia da Performance, falava muito neste conceito, pivotal, charneira, fundamental para a sua argumentação antropológica, ou seja, a domesticação do Tempo, expressão desde já profundamente antropológica mas não exclusiva de que se debruça sobre o fenómeno do humano, da casa, da habituação (do tempo), da habituação à casa, estar na caixa e ao mesmo fora dela por via de mecanismos complexos de ligação telemática ao real, o exterior. Assim, encaminhamo-nos para a consideração do tempo esticado e plasmado numa tela, num ecrã, como na pintura e no cinema. É o território da arte, do Tempo congelado, fixado através da contaminação da contemplação, que faz com que vivamos mais e mais esteticamente, fartos do afã do homem prático e praxísticos e apenas quer mais e mais encher chouriços.

Assim, a filosofia é terra de risco, de insegurança, mas também de segredo, o segredo de que falava Derrida e, por sua via, Fernanda Bernardo, ou seja, enquanto a antropologia favorece a certeza (sobre o homem), o terreno da filosofia é, pelo menos a meu ver, um terreno de risco, por isso falo que a metodologia da filosofia deveria ser o trabalho de campo etnográfico, ouvir o que diz o Outro, o seu discurso e considerações várias sobre a sua relação com o Outro e o Mundo (Timeu). Portanto, o Tempo é um animal de que deve ser domesticado, domado, como uma fera, pois entre real e virtual, ele está desvirtuado, porque se perdeu a raiz aristotélica do modo como lidamos com ele e, em certa medida, o Tempo aproxima-se da noção de Deus, com quem brincamos no quotidiano pois a maior parte das vezes está alheio aos nossos esforços de

sobrevivência, à nossa necessidade e premência até de acreditar n'Ele...

3. SOLTURA DO TEMPO

Por outro lado, temos o tempo armadilhado, por isso, de tanta pressão face à coesão social, em que muitos abdicam dos seus direitos mais fundamentais em favor do bem como (como em democracia, por exemplo, veja-se a obra de Michel Foucault “É Preciso defender a sociedade”), pelo que neste capítulo, a psiquiatria vai pelas forças de conservação, sendo impossível qualquer projeto de arte quando não está ligada a uma certa rebeldia e até marginalidade, a que esta é avessa, pois tem, em geral, uma perspectiva integradora, por vezes mais até do que a própria Igreja... De tão pressionado e comprimido o tempo, que se solta e entra em desvario, embatendo contra os corpos que se debatem em vagões de comboio, em carruagens de metro ou mesmo autocarros pelas ruas enviesadas da cidade das sete colinas.

Assim, a angústia apodera-se do filósofo que solta o tempo, porque se sente órfão e carente de qualquer coisa que ele não sabe o que é, mas desconfia que é tanto afeto quanto reconhecimento dos seus pares. Enquanto uns vão navegando nesse mais de tempo mais ou menos anódino, abastados, afastados de uma ideia de gratuitidade do pensamento, coniventes, corrompidos, permissivos, insensíveis a um certo tipo de sofrimento, mormente psíquico, outro preocupam-se realmente e acabam por ser estes que mais em paz consigo mesmos e com os outros estão, porque para teres paz tens de ceder um bocadinho, não muito, para que tenhas paz para fazer a tua tarefa, a tua oração...

Mais uma e outra vezes, aprisionas o tempo, comprime-lo, para o domesticar, quando a sua ação só entra a teu favor quando o soltas, quando existes para além do mexerico, numa vida plena e plana, ignota dos sentimentos e acidentes que a tua própria biografia ilustra.

Deste modo, estás numa existência vã, no vão da existência e aí perduras porque preferes a nuvem do não-saber à pornográfica democracia do saber que explica tudo mas que na verdade nada vale, para ti e para os teus.

4. O TEMPO ESTICADO

O tempo esticado é o do cinema, ou seja, da tela que pode ser transmitida ao outro, em que o transmissor é o autor. Nada de muito importante há nisto, aliás, a psiquiatria defende a arte mas não é uma saber, é um saber do confortável, da conformidade com a ordem social. O mesmo para a antropologia, a sociologia, a filosofia. Não passam disso, a repetirem-se a si mesmas, a venerarem-se a si mesmas, ou seja, um verbo de encher como dizia a minha mãe. E encher o quê? Chouriços, Senhor...

O tempo é, assim, na tela, esticado e pouco tem isso que ver com eterna juventude ou imortalidade, tal coisa não existe, ou seja, alguém que é lembrado, por uma secção da população, acaba esquecido quando lhe dá jeito, ou seja, quando perder o valor, os valores. Então, o homem esquecido resolve-se estivar o tempo, depois de domado, de aprisionado e de solto para a realidade social da vida de todos os dias, resolve não se importar, porque o mundo está mais cheio de pessoas que se importam do que de pessoas que não se importam e a preocupação é mais maligna do que o desvelo, porque incluir um tentâme de modificar o Ouro, o Mundo e ele mesmo, além e para além do dado, fazendo do adquirido uma forma de vida, devida.

Porque o homem do século, secular, pensa domar o tempo, quando o homem do sagrado, o *homo sacer*, conhece uma via para a felicidade, para outra via, delega no Deus a forma como estica o tempo para, no mínimo, sentir a felicidade de pertencer, de fazer parte...

Isto no âmbito de um mundo binário, porque há outras opções de vida, outras formas da realidade, além do direito, obviamente com uma antropologia ampla, que não seja apenas social, mas também cristã, solidária, aberta ao Outro e mesmo a filosofia tem muito que aprender com aquela, pois o seu discurso, demasiado racionalista, acabar por cansar a mente do analista, do pensador, porque a sua atitude é forçada e forçosamente dispensável, porque o homem de hoje que divertimento, escape a tarefas sociais que por vezes são tão ridículas que acabam por escapar à ação de uma qualquer fada da felicidade, ou seja, o homem de hoje é bom a encher chouriços, nesta sociedade pós-industrial, quer o seu carro, o seu emprego, a sua mulher, mulheres, pois a sociedade está feita para ele assim dessa maneira, para encher chouriços...o pior é quando o filósofo partilha desses mesmos ideais...

Sendo que, obviamente, ao nível da Igreja, quanto mais se faz pior é, quanto mais genial tu és, mais marginalizado acabas por ser, quer seja por seres um Nerd, quer seja por já não teres o corpo perfeito. Com as mulheres, elas gostam de tipos tôlos, sem grandes pruridos intelectuais. Isto pode parecer óbvio, pouco filosófico, mas espelha a realidade em que vivemos. Basta estar dois minutos fazendo zapping à televisão...

De uma maneira ou de outra, acabas por ser marcado e o muito êxito que tens só discrimina, só te discrimina e em Portugal, infelizmente, o talento nem sempre é recompensado, tens de andar anos e anos trabalhando fora do sistema para conseguires implantar o teu sistema.

5. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Procuramos recuperar o tempo perdido ou a infância (Savater), olhando mais ao conteúdo do que à forma, porque a forma escraviza e se perde tempo, vai-se perdendo o tempo e a oportunidade de viver num regime do “não quero saber”, como diz o meu sobrinho a propósito de muita coisa. Porque foste cumprindo e sendo alinhado e acabaste um revolucionário teórico, foste calmo enquanto jovem, demasiado calmo, na tua conchinha e agora queres-te divertir, soltar o tempo ao vento, não que busques qualquer “aplacamento” de algo que nunca foi, que não aconteceu, mas porque tens necessidade de te sentires bem contigo mesmo, entre filosofia e ciência social, entre poesia e literatura no estilo narrativa...Assim, mesmo assim, assumas que queres, mais do que partir em busca do tempo perdido, viver um tempo do que se faz aqui e agora, em função de um tempo reencontrado...

Assim, enquanto alguns intelectuais portugueses se vangloriam a si mesmos por ter chegado a algum lugar, eu desloco-me à Igreja quando não está lá ninguém, quando não há celebrações, para agradecer ao meu Deus a inspiração que me dá para fazer filosofia, antropologia, literatura. E isto é também uma forma de viver o tempo, de surfar no tempo, desportivamente, sem grandes complexos ou estranhas probabilísticas possibilidades, porque é bastante simples quando acreditas e perceber que é apenas um torrão de terra neste universo, uma partícula de areia na praia onde Ele caminha a teu lado. Sim, converti-me de novo, mas ainda assim, vou acreditando aos poucos e mais e mais, à medida que mais acredito nas minhas relativas possibilidades do sentir, o transcendente e o imanente, pois que nenhum sobrevive sem o Outro. É este tempo perdido que procuro recuperar o tempo em que sublimei o desejo indo para o seminário, os bons momentos que por lá passei, não sem maus, obviamente, o tempo que esperei para ter a minha primeira aventura sexual, no final do tempo de faculdade, num ambiente tanto elitista quanto inóspito, quando eu vinha, de um modo experimental, para perceber a sociedade que, afinal, não existe.

6. O TEMPO REENCONTRADO

Porque a realidade tem uma regra essencial: se a desafia demasiado, ela acaba por se virar contra ti e por mais mérito académico que tenha, invocando a tua teoria ou as teorias dos outros, ela acaba por se virar contra ti. Portanto, eis aqui o pleno sentido da nuvem do não-saber, que alguns cultivam e assim conhecem um sentimento de uma felicidade inaudita, não alcançável a quem tem demasiados bens, porque, afinal, passa o tempo todo ocupado em os manter ou ampliar e não se preocupa com o fundamental, que é o Ser. Para além do Pertencer, claro está. Também o Tempo tem que ver com isto e não é só devido ao aspeto moral, como mostrou Santo Agostinho, mas devido também ao aspeto cósmico, cosmológico, da inserção do nosso Ser num âmbito mais vasto do que a mera sociedade, o grupo ou até a família, podemos arriscar a dizer.

Podias, obviamente, ter feito trabalho de campo nas mais diversas latitudes, perceber de geografia e de demografia, ir à TV como especialista, mas...deixas-te andar, entre a tua aldeia e a tua cidade, que é cada vez mais a tua aldeia, só que de um modo impessoal, porque estás singrando e muita inveja se levanta, talvez faças mais do que muito doutores, professores doutores ou engenheiros, arquitetos, advogados e sem grande afago de mulher continuas fazendo teoria, tentando viver de memórias de infância e adolescência que disparam na tua menta como balas, não só em casa como também na rua, em qualquer lugar, palavras que estão tatuadas no teu corpo e que não são tatuagens, tatuadas na tua alma, porque as palavras não te deixam, não te abandonam, porque vais fazendo sentido filosófico de tudo isso, porque sabes que, de certo modo, foste um pioneiro, começaste muita coisa e pagaste, vais pagando, caro, o preço de ter sido e de Ser diferente, ainda que Sendo, ainda que Pertencendo, a ti mesmo e a alguns dos Outros, como ao Cristo...

E neste enlevo científico te conduzes, ao mesmo tempo que és conduzido, por Ele e pelos demais, e tens o que escolheste afinal, portanto foste livre nas tuas escolhas e isso é uma forma de te reconciliares com o teu passado e encarares o devir, o futuro do Tempo que vem aí, daí, em diante, com orgulho e cabeça levantada.

Por isso, também aprendes a respeitar, o teu corpo, o teu espírito e embora estejas profundamente cansado pela falta de resultados, persistes, continuas, não sabendo o que para aí vem, o que se passará depois de deixares de estar aqui e esqueces aquele ensaio sobre Nietzsche

pois já estás bastante baralhado e o teu forte não é Nietzsche, pois nem sequer tens formação inicial em Filosofia. A vida do tempo faz-se disso, de opções, de um vagão (vagar) chamado Carruagem 19, onde circula o *Passageiro 19*...

Pela minha experiência enquanto antropólogo, de trabalho de terreno em diversos locais no território português, percebi que há mais quem destrua do que quem construa, tal como meu velhote construiu casas e casas na aldeia e fora dela, até. Esse é o mal do mundo de hoje, entre real e virtual, as pessoas estão com a mente descontextualizada e, pasme-se, a grande parte delas sente-se desconfortável, porque falta fé, despeito, respeito, para as coisas que são fundamentais. Foi assim que a América se tornou num país estranho, inconcebível, semiologicamente elementar, porque animal, atreito ao instinto e à cobiça, serão estas considerações demasiado filosóficas para um antropólogo, habituado a ser permissivo, mas que o é até um certo ponto e numa certa medida, porque tem uma ética, um estatuto, o desígnio, se quiseres, diferente do de outras profissões, mais práticas, mais imediatistas...

CONCLUSÃO

Vivemos na era do plástico, os mares então cheios de plástico, o dinheiro é de plástico, a comida é de plástico. O homem manietou a natureza mas não consegue iludir o tempo (que passa) e por mais que o queira fazer, apenas o consegue amassar, como ao pão num forno a lenha. Sim, é isso: agora já não há fornos a lenha, tudo é rápido e o tempo, mesmo cosmo-logicamente, esgotou-se, vivemos sobre a pressa da urgência. Os tempos são outros dizem, não há (mais) tempo, para nada e para coisa nenhuma...

Então, o que é o Tempo senão um fenómeno tanto físico quanto espiritual? Nas farmácias não se vende Tempo em Garrafa, mas há já cápsulas do tempo e a literatura está cheia de exemplo de como o homem tentou iludir o que é tanto uma ficção quanto uma certeza, sim, o tempo que tudo faz e desfaz e no fundo não vale nada, como diz a canção...

Assim, faço referência a um escrito de minha autoria, "A Função Social do Filósofo", que não pretende catalogar o filósofo mas, de um modo positivo e otimista, perceber que há um campo aberto e largo de compreensão e de atuação do filósofo na vida das cidades e, porque não, das aldeias, aliás, cada vez mais, ao lado do antropólogo, do sociólogo, do historiador, do geógrafo, do arqueólogo, do sociólogo, pois tudo se resume, afinal, à aceção de que tudo se reduz ao social, ou seja, ao que é partilhado, na esfera pública como na doméstica e, em certa medida, finalizando, o tempo é, não apenas como o próprio homem, mas também ele social, ou seja, é um fenómeno que escapa, por entre os dedos como areia ou terra arável, é qualquer coisa que envolve, que evolve, que está tanto além quando aquém, que tanto precede quanto é consequência, estando além até da própria vida individual e da social, que nós não conseguimos ainda antever enquanto espécie que já começa a estar em perigo...

Pulsão de vida e pulsão de morte convivem num espaço diminuto, positivo e negativo, um e zero, analógico e digita, amigo e inimigo e por aí além, sístole e diástole, dar e receber, cima e baixo, direita e esquerda, fora e dentro, é isso que a antropologia estuda, a relação do homem com a natureza e os deuses, mas a filosofia e a sociologia também, a relação entre os seres numa determinada esfera do tempo, o tempo que se escapa e que no final é tão fatal e cruel quanto o destino, ou seja, confunde-se, a alguns olhos, com o próprio Deus...

O tempo é, assim, juntamente com o espaço, uma categoria essencial para compreender o

homem, o ator social enquanto designio e desenho de mistério, na sua relação com Deus e com os outros seres e, num sentido artístico, o tempo é o que fazemos com ele no confinamento ou abertura da nossa existência, o tempo é, por isso, mais abertura do que confinamento, porque confinado, o homem que concebe o tempo acaba por fenecer e com ele a sua visão do tempo, sendo que, absolutamente dizendo, o tempo é o próprio Homem projetado no infinito, na sua contingência, naquilo que tem de mais absoluto e escatológico na sua tendência para novas possibilidades de sentir e existir.

Lisboa, 12/07/2022